

NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA¹³⁸

Autora: Lenina Lopes Soares Silva

1 INTRODUÇÃO

Eu não teria sido um escritor de memórias se não tivesse tido minha época de exteriorização literária num momento em que nós estávamos debaixo de uma ditadura, uma ditadura militar. E comecei a escrever talvez para me livrar desse espantinho, para conversar comigo mesmo na impossibilidade de fazer isso com os outros. (Pedro Nava, em entrevista à Folha de São Paulo em 1984).

Esta tese traz parte das interpretações resultantes da pesquisa **Itinerários Sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas**¹³⁹, na qual foram analisados os livros de memórias de dois autores médicos: Pedro da Silva Nava (1903-1984) brasileiro, e Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004) suíça, radicada nos Estados Unidos da América. Vale esclarecer que, para a composição desta tese, escolhemos discutir apenas as interpretações feitas na produção memorial e em algumas crônicas, ilustrando-as, em alguns momentos, com a produção de história da medicina de Pedro da Silva Nava.

A escolha pela obra de Pedro Nava para a constituição empírica da tese levou em consideração a relevância desta no contexto literário brasileiro, aliada à sua densidade e a quantidade de trabalhos acadêmicos já elaborados no Brasil sobre ela. Isto demandou muitas leituras, além das que nos serviram de suporte empírico e aporte

¹³⁸ Sinopse de Tese, apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais. **Área de concentração:** Pensamento Social, Sistemas de Conhecimento e Complexidade. Defendida em 30 de novembro de 2010, com Banca Examinadora composta pelos professores: **Orientador:** Prof. Dr. José Willington Germano; Profa. Dra. Isabel Cristina de Jesus Brandão (Examinadora/Externa - UESB), Profa. Dra. Dalcy da Silva Cruz (Examinadora/Interna - UFRN), Profa. Dra. Brasília Carlos Ferreira (Examinadora/Interna - UFRN), Profa. Dra. Geovânia da Silva Toscano (Examinadora/Externa - UERN) Dra. Janete Lima de Castro (Examinadora/Interna/Suplente - UFRN) e Prof. Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca (Examinador/Externo/Suplente - UERN). Esta Sinopse foi organizada tendo como base a Introdução e as Considerações Finais da tese: NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA, com pequenas supressões e pequenos ajustes na estruturação textual.

¹³⁹ Pesquisa coordenada pelo professor Doutor José Willington Germano, no Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação da UFRN.

teórico e metodológico, como dimensões fundamentais e indissociáveis, inerentes a esta pesquisa, pois tivemos que empreender um verdadeiro estado da arte dos estudos já realizados, tendo como empiria seus escritos publicados, no Brasil.

Pedro Nava nasceu em 1903 e faleceu em 1984. Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, tornou-se carioca por opção. Foi médico de formação e escritor por decisão e escolha deliberada, nos tempos e momentos de sua vida nos quais considerou propícios para tal investimento humano, social e existencial. Sua produção, como escritor, encontra-se estruturada em publicações brasileiras reunidas em cinco trabalhos históricos relacionados com a Medicina quais sejam: “Território de Epidauró,” “Capítulos da história da Medicina no Brasil,” “Atas reumatológicas (comunicações em dois volumes),” “O anfiteatro (textos reunidos por Paulo Penido),” “O bicho Urucutum (textos de medicina reunidos por Paulo Penido)” e “A medicina de Os Lusíadas.” Existe ainda a “Biografia do Doutor Torres Homem” que é um livro inacabado, citado pelo autor em “Galo-das-Trevas: as doze velas imperfeitas”, o quinto volume de suas memórias, no qual expõe os motivos da não continuidade da escrita de “um trabalho de admiração pelo prodigioso mestre.” (NAVA, 2003b, p. 37). Os originais desta Biografia encontram-se no Acervo do Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Há também os trabalhos formados pelos sete livros que formam o conjunto das Memórias¹⁴⁰: “Baú de ossos: memórias 1”; “Balão cativo: memórias 2;” “Chão de ferro: memórias 3”; “Beira-mar: memórias 4”; “Galo-das-trevas - as doze velas imperfeitas: memórias 5”; “O círio perfeito: memórias 6”; e o que o Narrador¹⁴¹ deixou inacabado, “Cera das almas”, fragmento de um livro com 36 páginas, publicado após sua morte. E, ainda, “Viagem ao Egito, Jordânia e Israel (anotações de viagens)” e “Caderno 1 e 2 (anotações pessoais). Ele também produziu e publicou crônicas e artigos em jornais de

¹⁴⁰ O termo Memórias, grafado com inicial maiúscula será utilizado para nos referirmos ao conjunto da obra memorialística de Pedro Nava, já usado por outros pesquisadores de sua obra, dentre estes Cançado (2003).

¹⁴¹ O termo Narrador, grafado com inicial maiúscula, será adotado em alguns momentos para nos referirmos ao autor das Memórias – Pedro da Silva Nava – forma escrita também já utilizada por vários pesquisadores, entre os quais Cançado (2003) e Arriguicci Jr. (1987). Esclarecemos que o sentido e significado de Narrador para nós se inserem na perspectiva teorizada por Benjamim (1994) como aquele sujeito que retira das experiências vividas em sociedade elementos para construir sua narrativa, que é também a de seus ouvintes e leitores.

grande circulação no Brasil e, de igual modo, concedeu entrevistas à mídia impressa e televisiva¹⁴².

Existem publicados também apresentações e prefácios de livros, poemas, cartas, artigos de crítica literária, entrevistas, e discursos em livros, jornais e revistas, bem como sua produção como artista plástico em ilustrações de livros e desenhos e também pinturas presenteadas a amigos. Alguns dos seus poemas e desenhos, bem como cartas dirigidas a Mário de Andrade, encontram-se na Pasta 72: Arquivo de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade do Estado de São Paulo (USP). As cartas de Mario a Pedro Nava foram publicadas em (ANDRADE, 1982), livro cuja edição foi organizada por Fernando Peres a pedido de Pedro Nava.

É preciso informar que alguns estudiosos da obra de Nava, entre os quais Souza (2004), sugerem que sua produção científica na área da medicina gira em torno de 300 trabalhos publicados no Brasil e em outros países; já Villaça (2007) informa que são aproximadamente 400 trabalhos. Anuímos, por estas razões, que não há consenso entre os pesquisadores quanto à quantidade da produção científica do autor, especialmente se compreendermos que as Memórias, em grande parte, são decorrentes de um minucioso trabalho de pesquisa documental sobre a vida na sociedade brasileira de seu tempo.

2 A CONSTRUÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DA TESE

A intencionalidade precípua da tese, em síntese, é uma tentativa de dar visibilidade às lições do passado, no presente, para o futuro, encontradas particularmente nas **Memórias de Pedro Nava**. Estas são traduzidas como experiências e leituras sociais de um sujeito que, ao falar de si, imprimiu nesta fala/escrita as relações sociais vivenciadas no itinerário de sua vida, tendo em vista que, assim como Vigotski¹⁴³ (2003, p.151), ideamos que “está implícita na memória a utilização e a participação da experiência anterior no comportamento presente”, confluindo para o desenvolvimento tanto do pensamento como da linguagem, no campo das experiências de conhecimento. Então, à luz das narrativas de Nava, implica afirmar que “o autor é o

¹⁴² Para maiores informações, ler: “Diálogos com Pedro Nava: a sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo”, de Sandes (2005) e “Pedro Nava: memória”, de Nunes (1987).

¹⁴³ Informamos que a grafia do nome Vigotski (2003) obedecerá, neste trabalho, à forma expressa na edição de cada livro. Portanto, aparecerão grafias diferentes ao longo do texto.

originador, por muito discutível e secundária que a sua originalidade possa ser”, usando as palavras de Santos (2001, p. 93), de tudo que na tese foi traduzido.

Tratamos, assim, de uma tradução das interpretações sociais do Brasil do final do Século XIX e por quase todo o Século XX, constituídas por Pedro Nava em suas narrativas. Desse modo, a temática de investigação circula embalada em uma abordagem cujo enfoque enraíza-se nas relações sociais e históricas do Brasil, visto como um país que foi colonizado em conformidade com a racionalidade e as regras emanadas do universo eurocêntrico. Estas, parcial e distorcidamente incorporadas da “retórica básica dos poderosos” promovidas “[...] por líderes intelectuais pan-europeus na tentativa de defender os interesses do estrato dominante do sistema-mundo moderno”, conforme Wallerstein (2007, p. 27), modeladores, portanto, da racionalidade ocidental dominante.

O aporte empírico no qual buscamos substratos para discussão de uma nova racionalidade ativa, tolerante, leitora dos silêncios e das diferenças, e desinteressada de certezas paradigmáticas, usando as palavras de Santos (2001, p. 42), encontra-se na obra literária brasileira já nominada. Este nos chegou motivado por leituras em outros autores que, sem fugir aos determinantes socioexistenciais, deslindam reflexivamente, na literatura, o homem em sociedade e a sociedade nos homens, como construtos humanos, culturais, econômicos e histórico-sociais, dentre os quais destacamos Walter Benjamim, Ítalo Calvino, Carlo Ginzburg, Ecléa Bosi, Beatriz Sarlo e Antonio Candido. Nessa direção, a constituição argumentativa, da tese, pode ser compreendida enquanto releitura social de memórias brasileiras elaboradas pelo Narrador que transpôs simbolicamente suas experiências sociais de vida para a arte literária, de um modo cuja singularidade e qualidade ainda carecem de desvelamento sociológico e político.

Dessa perspectiva epistêmica e social, contextualmente, a tese fundamenta-se nas proposições de Santos (2006) sobre novas trajetórias para estudos e pesquisas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, pautadas em uma nova racionalidade a qual denomina de cosmopolita, por possibilitar entendermos que “a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante.” (SANTOS, 2006, p. 94). É, para este autor, uma racionalidade emergente que se opõe à razão indolente em sua forma metonímica ocultadora e descredibilizadora de sujeitos e de saberes em nome da ordem necessária à manutenção do colonialismo e, conseqüentemente, do desenvolvimento do

capitalismo, especialmente, nos mundos pós-coloniais, sendo, portanto, a razão indolente considerada como conformista, estabilizadora das diferenças e mantenedora dos silêncios impostos a vários povos e culturas. Para Santos (2006) mundos pós-coloniais são aqueles mundos carregados de sensibilidades ainda inexploradas que, no segundo milênio foram alvo das descobertas Ocidentais e, ao longo do tempo, têm sofrido as violências impostas pelos colonizadores/descobridores, dentre as quais destaca o epistemícidio cultural e cognitivo. Epistemologicamente formam um conjunto de correntes teóricas e analíticas com ênfase, mas não apenas, nos estudos culturais, os quais procuram demonstrar que o colonialismo não chegou ao fim se for interpretado tendo como parâmetro as relações sociais enquanto relações políticas que continuam a ser estabelecidas de forma autoritária e discriminatória.

Segundo Santos (2006), a razão indolente como instrumental intelectual de organização e explicação da realidade e do mundo, se desenvolveu no contexto sociopolítico de consolidação do Estado liberal na Europa e na América do Norte, nos meandros das revoluções industriais e do desenvolvimento capitalista, do colonialismo e, também, do imperialismo modelador do pensamento hegemônico.

Na tese, enveredamos pela crítica da forma metonímica da razão indolente por ser nela que encontramos as formas monoculturais de visão de mundo, de sociedade, de arte e de ciência disseminadas em lógicas que se reivindicam como verdadeiras; pautadas em certezas produtoras de inexistências (que dizemos ser visíveis concretamente) por reconhecermos que tais lógicas se alicerçam e são legitimadas em cânones científicos, artísticos, literários e culturais hegemônicos, conforme estudos de Santos (2001; 2006).

Nesse sentido, nas Memórias navianas a busca se fez por aquilo que nos possibilitasse caminhar pela contraposição dessas lógicas, partindo da visão de passado do Narrador, para, a partir daí, nos guiarmos para a compreensão de sua subjetividade e racionalidade impressas na sua produção literária, sendo estas representativas de seu pensamento e de sua cultura.

Por isto ratificamos o que diz Santos (2006), quando defende que, novos estudos, particularmente aqueles voltados à implantação de estudos culturais, podem enveredar para a constituição de conhecimentos humanísticos pautados em novas racionalidades. Estas devem ser buscadas em novos discursos ou em discursos alternativos, quais sejam aqueles que carregam, em suas simbolizações, projeções e

escalas, indicativos de novas leituras sociais em contextos sociais pós-colonizados, demandantes de um trabalho de tradução capaz de dialogar e de fazer interagir cultura e conhecimento e conhecimento científico com conhecimento não científico.

Na tese, acrescentamos a este entendimento de tradução de Santos, o sentido e o significado dados por Panichi e Contani em um estudo sobre a construção do texto em Nava quando dizem: “a tradução tem como princípio retirar de uma fonte antecedente (não necessariamente elementos de outra língua) significados implícitos que possam funcionar em complementação descobrindo, assim, novas realidades. (PANICHI E CONTANI, 2003, p. 139).

Dessas percepções advém o enfoque informativo que empreendemos reputando que a justificativa para uma investigação desta natureza já vem inserida no percurso sociocultural e profissional tracejado por Nava, no qual são explicitadas, de forma reflexiva, certas invisibilidades presentes na sociedade brasileira do Século XX, posto que, muitas delas ainda perduram no cenário brasileiro do Século XXI, embora pareçam inexistentes.

Realçam-se dentre tais invisibilidades aquelas concernentes aos diversos modos de vida e a expropriação social vista como natural; aos variados usos da Língua Portuguesa; à educação embalada por um pensamento que conforma uma prática disciplinar militar; ao uso do poder no Estado brasileiro como coisa privada; à ideia de ordem hierarquizada pela verticalização de relações baseadas em superior e inferior, de acordo com a origem social e a cor da pele dos sujeitos; à permanência de relações sociais fundamentadas em preconceitos raciais antes e após a libertação dos escravos; à falta de reconhecimento da multiculturalidade da formação do povo brasileiro, constituído, fundamentalmente, pelas culturas dos índios (brasileiros), dos africanos e dos europeus, bem como pelas práticas e experiências populares de cura, muitas ligadas aos costumes africanos e aos indígenas, talvez ainda não reconhecidas/pesquisadas pela medicina científica.

Por essas vias, trazemos aos diálogos com as Ciências Sociais as percepções sobre o Brasil de um pensador brasileiro que, fazendo a leitura de si entrelaçada a de sua sociedade, manteve, como diz Candido, “a tensão básica, que assegura a eficiência do discurso e consiste no senso particularizado do concreto, traduzido simultaneamente em termos universais de visão do homem e do mundo”. (CANDIDO, 1987, p. 69).

São, de certa forma, na tese, reconstituídos e utilizados no texto, o itinerário social e as singularidades da formação médica de Nava, observando-se como sua formação (básica e superior) se apresenta na escrita de si, entremeada na tecelagem dos fatos e acontecimentos vividos, sem descurarmos de sua percepção de criança e infância, repensada de forma retroativa, pelas lembranças dos momentos iniciais de sua vida; revisitados criativamente em suas visões da vida humana, importantes para a formação de sua subjetividade, de seus modos de pensar sobre sua sociedade e sobre a sua realidade pelas condições existenciais vividas e revividas.

Assim, como esta formação configura o itinerário social deslindado nas Memórias, pela reconstituição dos espaços sociais dos sujeitos e instituições nos quais foram vividas as experiências do Narrador? Foi uma das primeiras questões suscitadas pela leitura.

Esta questão nos auxiliou a defender que **as Memórias, como narrativas autobiográficas, são fontes de pesquisas capazes de promover discussões sobre a dilatação do presente¹⁴⁴ na confluência de uma sociedade desigual e complexa em constante processo de mudança, como a brasileira.** Reconhecemos, todavia, a impossibilidade de onisciência da memória e de mediação no processo recordativo, envolvidas por fenômenos subjetivos que podem se apresentar unificados pelas marcas de reconstituições desejadas e utópicas que já sofreram mediações socioculturais; (como nos ensina Sarlo), pautada em Susan Sontag, para dizer “que diante dos restos da história é preciso confiar menos na memória e mais nas operações intelectuais, compreender tanto ou mais que lembrar [...]”. (SARLO, 2007, p. 52). Com isto concorda Nava quando diz que “só há dignidade na recriação.” (NAVA, 2000, p. 314).

A reconstituição do itinerário do Narrador nos motivou a expor uma releitura de sua obra conduzida e situada histórica e socialmente, tendo as propostas de Santos (2006) sobre sociologia das ausências como condutora analítica fundante. Dessa maneira, mediante a busca de entendimento sobre a racionalidade empreendida nas Memórias, é que reivindicamos aproximar-se da cosmopolita idealizada por Santos, como capacidade cognitiva de condução do pensamento para além dos modelos hegemônicos de pensar. Vale ressaltar que racionalidade cosmopolita para Santos

¹⁴⁴Santos (2006, p. 101) considera que a crítica à forma metonímica da razão indolente é condição necessária para a ampliação e diversificação do presente ou de sua dilatação. Para ele só é possível recuperar a experiência desperdiçada em todo o mundo, criando-se um espaço-tempo que pressupõe a releitura do passado, para se exercer a dilatação do presente através de procedimentos metassociológicos, como a sociologia das ausências.

(2006) traz em si possibilidades de compreensão que conduzem a dilatação do presente pelo reconhecimento do passado como capacitante, aspiração que, segundo este autor, só tem sido formulada até o presente “pelos criadores literários” (SANTOS, 2006, p.101). Trata-se, nessa significação, de uma racionalidade que consegue diante das tradições e das comunidades científicas se mostrar, veiculando em suas postulações o reconhecimento de diferentes culturas, formas de interação e de conhecimentos, fazendo dialogar conhecimento científico e não-científico como fez Pedro Nava.

Para Santos (2006), a racionalidade cosmopolita questiona o presente e o expande, contraindo, assim, o futuro, sem prescindir do passado como espaço/tempo onde se encontram experiências sociais inesgotáveis. Sendo assim, a dilatação do presente é possibilitada pela confrontação do presente com o passado, conduzida em meio a probabilidades históricas que tornam possíveis a contração do futuro por possibilitar a demonstração da diversidade de experiências sociais existentes no mundo. Na leitura das Memórias podemos verificar esses questionamentos propostos por Santos.

Assim, podemos afirmar que, os encaminhamentos argumentativos pautam-se na compreensão de sociologia das ausências como um procedimento investigativo com possibilidades epistemológicas e democráticas de demonstrar que: “o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe,” (SANTOS, 2006, p.102). Nesse sentido, procuramos encontrar na obra de Pedro Nava presenças que foram transformadas em ausências pela razão metonímica monocultural, moldada por pensamentos indolentes incapazes de ver na realidade aquilo que está fora do hegemonicamente determinado pelo universalismo europeu, promovido pelo desenvolvimento capitalista globalizado, das trocas e das práticas sociais desiguais, especialmente, nos mundos pós-coloniais como o brasileiro. Assim, caminhamos em direção a um pensamento que hipoteticamente desejávamos prudente com possibilidades de identificar no espaço-tempo brasileiro as trocas desiguais praticadas contra as culturas que compuseram a nossa, e que foram subordinadas à cultura do colonizador.

Para isto, nos sedimentamos em uma percepção analítica cujas dimensões apontam para a visão de passado, como capacitante, com potencial emancipatório à medida que operativamente pode ser visto como prática desviante, tendo em vista que “o desvio é uma prática liminar que ocorre na fronteira entre um passado que realmente

existiu e um passado que não teve licença de existir.” (SANTOS, 2006, p. 91). É o condutor, portanto, de novas interpelações e interpretações sugestivas de identificações de experiências, práticas e ações sociais nos mundos pós-coloniais, relidas por subjetividades capazes de pensar a transformação social, como as feitas por Nava no mundo brasileiro.

Essas subjetividades, postulamos, são entendidas em trabalhos guiados pela sociologia das ausências como subjetividades desestabilizadoras, criadoras de mestiçagem, desejosas de reconhecimentos para protagonistas e grupos sociais tornados inexistentes, marginalizados pela globalização hegemônica, caracterizadas como barrocas por suas probabilidades de reinvenção e experimentação dentro de uma sociedade dominada por outros modos de criação e de leitura do mundo e da vida. São reconhecidas quando conseguem desestabilizar os cânones criados para desacreditar experiências e práticas que não se enquadram nos critérios da razão metonímica. (SANTOS, 2006). Reconhecemos que Nava desestabilizou a cânone literário brasileiro quando já idoso começou a publicar suas Memórias.

Nessa perspectiva, foi possível pensar em uma sociologia demandante da transformação das ausências em presenças, substitutivas de monoculturas geradoras de pensamentos indolentes em pensamentos prudentes capazes de mover novos modos de reflexão e de intervenção, quem sabe?, em processos sociais antes invisíveis ou pouco discutidos. Criam-se, assim, novos caminhos de leituras e de pesquisas, tendo como fonte a literatura memorialística e, quiçá, as crônicas se pensarmos, com ponderação, como Cyrulnik (2009, p. 205) ensina pois, “com uma única vida, pode-se escrever mil biografias. Não é necessário mentir, basta deslocar uma palavra, mudar um olhar para iluminar um outro aspecto da realidade enterrada”. E, como Sarlo convencionou “a literatura, é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa *de fora* da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo” (SARLO, 2007, p.119, grifo no original).

Tal delineamento direcionou o trabalho de tradução das Memórias apresentado na tese, como imprescindível à interpretação do pensamento de Nava, fazendo também uma leitura para a compreensão da sociologia das ausências como trajetória analítica, pautada na expansão do presente e moldada na apreensão cognitiva de cinco ecologias ou lógicas, conforme Santos (2006), quais sejam:

- a) **A ecologia de saberes**, fundamentada em uma epistemologia capaz de reconhecer os processos subjetivos da condição, da criação e da imaginação humana, num diálogo entre diferentes formas de conhecimento e de saberes científicos e não científicos;
- b) **A ecologia das temporalidades**, na qual se observa que, no trabalho de tradução, os diferentes tempos presentes se complementam, pois são tempos que muitas vezes não são lineares, tempos diversos em diferentes culturas; são possibilidades de dilatação do presente, especialmente quando o sujeito narra suas próprias experiências, fazendo uso de sua linguagem e de suas leituras sociais;
- c) A ecologia dos reconhecimentos, que trata de uma busca que abre espaço para o reconhecimento das diferenças recíprocas contra os epistemicídios culturais, sociais e simbólicos, particularmente aqueles inseridos nos mundos pós-coloniais;
- d) **A ecologia das transescalas**, que opera desglobalizando o local pelo exercício da sociologia cartográfica, é determinante para a visibilidade das diferenças sociais e contextuais, como um modo de demonstração do universal no local;
- e) **A ecologia das produtividades**, que rediscute a questão do desenvolvimento, propondo a de envolvimento, da cumulação pela distribuição baseada em princípios de cooperação e solidariedade e da inclusão em vez da exclusão. Nesta ecologia há também a preocupação com a produção do conhecimento científico e a construção de novos saberes na perspectiva de um conhecimento prudente. (SANTOS, 2004).

A leitura interpretativa das Memórias deu condições de assimilar, em alguns fragmentos de seu conteúdo, postulações que podem ser vinculadas à racionalidade cosmopolita desenvolvida por Santos (2006), para o reconhecimento de novos discursos ou de discursos alternativos, interpretando-se o Narrador como um escritor múltiplo que vai do local para o universal, segundo Candido (1987), de forma particular.

Em linhas gerais, a crítica literária, incluindo-se Candido (1987), informa que Nava é um escritor capaz de articular lógicas de construções discursivas para além da percepção imediata, da leitura primeira. E, como nesta crítica, “a relação é entre dois sujeitos e não entre um sujeito e um objeto,” pois, sobre Nava e Candido, fazendo uso

das palavras de Santos, entendemos que “cada um é a tradução do outro e ambos são criadores de textos, textos esses escritos em linguagens diferentes, mas ambas necessárias para aprender a amar as palavras e o mundo,” (SANTOS, 2001, p. 93) e para se pensar através de “uma aprendizagem mútua e, portanto, de uma literacia multitemporal.” (SANTOS, 2006, p.110).

Tais considerações são alicerçadas nas contribuições para reflexões sobre o viver que ocorrem na concretude da vida, da condição e da existência humana em busca de dignidade para si e para os outros, deambulando por seus processos de condução da vida em sociedade e do papel do sujeito social em suas ações, como intelectual, encontradas em pensadores, como Gramsci (2000b), Morin (2002b), Sarlo (2006) e Calvino (2009), dentre outros. Nesse sentido, inserimos na interpretação da história sociocultural brasileira, contida na elaboração dos textos que contam a história pessoal e as do mundo circundante do Narrador, o que visualizamos do seu perfil intelectual e de seu pensamento inserido nesse contexto – de vida e obra em uma sociedade que se encontrava em pleno processo de modernização.

Reconhecemos que perduravam, nesta sociedade, conflitos econômicos, políticos, sociais e humanos e que estes também foram pontos de reflexão do autor das Memórias, o que nos impôs, portanto, limites interpretativos ao concordarmos com Mendes (2002, p. 514), que nos informa: “por uma lógica de simetria, a análise das memórias individuais permitirá salientar os limites do trabalho de enquadramento e especificar o trabalho pessoal, pela narrativa e pelo discurso [...]”. (MENDES, 2002, p. 514). Assim sendo, sempre que foi necessário inserimos o próprio Narrador no diálogo, mostrando-o em pequenos trechos, como criador, escultor primeiro de sua arte a qual apenas traduzimos com a visão do nosso presente e dos saberes com os quais dialogamos na artesanaria deste trabalho.

Isto posto, é interessante apresentarmos nossa compreensão sobre memória, exposta na tese, informando que esta vem sendo construída a partir dos autores já citados e de Ricœur (2002, p. 374), que afirma: “a história só nos atinge através das modificações que impõe à memória, pois a memória constitui a primeiríssima relação com o passado”, de Chauí (2002, p.125), quando revela que “a memória é a evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais,” e de Cyrulnik que diz: “Os homens sem história têm uma alma dispersa. [...] Quem não tem

memória não vira ninguém e quem tem medo de seu passado se deixa apanhar pela própria sombra. (CYRULNIK, 2009, p. 13).

Então, se a memória é a ponte que nos une ao passado, a memória humana alimenta o presente, permite nos situarmos em algo que foi internalizado no passado de forma significativa, tanto de maneira positiva, quanto negativa. Ela é capaz de contribuir para a associação das imagens que permanecem presentes na mente, tornando o sujeito da memória singular em termos subjetivos. Isto confere à memória um caráter de recursividade como capacidade humana de vida intelectual, que vai aquém e além do tempo presente, em especial, quando é preservada através de recursos de comunicação e expressão, como a escrita.

Para Vygostky (1989a; 1989b) e Bosi (2003), a memória como função mental superior traz possibilidades ao pesquisador de utilizá-la em suas formas de expressão e representação social (fala e escrita) como recurso de construção histórica, com vistas à interpretação social e cultural, pois as lembranças são imagens construídas no presente. Vale ressaltar que elas podem ser expressas pela via da linguagem oral ou escrita, conscientemente, pelo sujeito que as usa para reconstruir e representar o seu passado, e o de sua coletividade, como assinala também, Halbwachs (2004).

A metodologia adotada para a condução da pesquisa que resultou na tese foi tecida observando essas capacidades da memória, aliadas a outros construtos conceituais que nos informam sobre os perigos de quereremos enquadrar “achados” em memórias escritas como realidades. E isto eles não são, pois mostram apenas níveis de realidade, como nos alerta Calvino (2009) em seu trabalho sobre literatura e sociedade, e Sarlo (2007) em suas análises sobre as condições teóricas, discursivas e históricas de trabalhos memoriais e autobiográficos.

Assim, podemos afirmar que a trajetória metodológica apenas sinalizou os caminhos da pesquisa como um processo racional e, de certo modo afetivo, cuja análise final assimila o trabalho de tradução como um procedimento que em si é partilha de conhecimentos e saberes; é imaginação epistemológica; é possibilidade de reinvenção cujos objetivos são as possibilidades de criação e recriação de constelações de saberes e práticas. E, como recriação e partilha de conhecimentos, tornam-se também, como as Memórias, reveladores e denunciadores de injustiças e desperdícios sociais.

Estes caminhos foram se fazendo e refazendo, a partir dos que já haviam sido traçados, pois, embora sistematizados previamente, na prática indicaram novas escolhas.

Muitas destas nos angustiavam por se encontrarem em nossa percepção sempre em fase de construção e de ajustes teóricos e metodológicos. Contudo, entendemos que as escolhas visavam conferir maior visibilidade à temática, por esta não partir de questões sociais visíveis e mensuráveis estatisticamente e, também, por não ser uma problemática social incomodante, embora instigante. Inserindo-se, no entanto, no universo constitutivo de novos conhecimentos científicos, pautados em um diálogo entre saberes, possíveis de se constituírem em alicerces literários.

Questionamo-nos: seria este um modo de se compreender a sociologia das ausências com ênfase na pesquisa literária; ou uma sociologia mais voltada para questões epistêmicas; ou até de imersão histórica e memorialística que pudesse promover um repensar de suas explicações e interpretações; ou, ainda, um modo apenas aparentemente novo para a leitura social de tempos pretéritos de uma sociedade específica, sem incorrer em generalizações idealísticas; ou, sem negar o que há de universal no aporte investigado, tendo como fundamentos teóricos as perspectivas de uma nova racionalidade, novas lógicas para a compreensão do mundo em sociedade e de novas atitudes diante da pesquisa acadêmica?

Por estas vias questionadoras, construímos uma espécie de cartografia do pensamento, dos fatos e acontecimentos presentes na narrativa do autor, com ênfase nas simbolizações e expressões elaboradas por ele na constituição de seu monumento literário, como classifica Bueno (1997) a obra de Nava. Fizemos muitas escolhas, e reafirmamos isto porque consideramos impossível esmiuçar o todo das Memórias e dos demais escritos do autor. Partimos, assim, da formação do sujeito Narrador e de suas percepções sobre esta, como fundamento social e cultural de construção de sua subjetividade, para, em seguida, buscarmos a compreensão das lógicas que guiaram sua narrativa, seu pensamento e suas interpretações sociais, culturais e científicas. São estes os dois estames de partida e chegada, a visão de passado e a subjetividade, constitutivos e unificadores da metodologia que empreendemos na defesa da tese.

Os desdobramentos da pesquisa da qual resulta esta tese, foram realizados em momentos concomitantes, tanto teóricos como metodológicos, nos quais nos apropriamos dos conteúdos das Memórias e dos demais escritos de Nava, exceto aqueles voltados especificamente para a área de sua especialidade médica – a reumatologia; consultamos seus principais intérpretes e as teorias que deram sustentação à análise e à interpretação das ideias para a composição deste trabalho, indo ao encontro

de uma sociologia das ausências. Para Santos (2006), é um procedimento metassociológico que parte do reconhecimento das dificuldades de construção de um conhecimento multicultural, mas que é capaz de captar silêncios, diferenças, necessidades, ausências e aspirações, fazendo “comparações entre os discursos disponíveis hegemônicos e contra-hegemônicos.” (SANTOS, 2001, p. 30). As análises sociológicas, inerentes a este procedimento entendem o silêncio como um sintoma daquilo que potencialmente não se pode cumprir, ou foi destruído pelo colonialismo ocidental. Esta sociologia pode ser exercida movendo-se no campo das experiências sociais e seu “elemento subjetivo é a consciência cosmopolita e o inconformismo ante o desperdício da experiência.” (SANTOS, 2006, p.118).

Os discursos hegemônicos, aos quais nos referimos, são aqueles disseminados pelo universalismo europeu calcados em fundamentos extremistas, alocados em verdades naturalizadoras da violência e do epistemícidio cultural e social praticado como política para esconder as desigualdades abissais geradas pelo capitalismo, amplamente utilizados pelos colonizadores imperialistas.

Quanto aos discursos contra-hegemônicos, compreendemos como aqueles com possibilidades de fazer circular conhecimentos como forma de reconhecimento, sendo assim tradução do outro, de uma condição de objeto para a de sujeito, particularmente nos mundos pós-coloniais, como o brasileiro. Trata-se de um discurso cujos praticantes não se desprendem de suas trajetórias de vida pessoais e coletivas, que não opõe natureza e cultura e revaloriza a visão humanista através da compreensão do mundo em vez de sua manipulação elaborada, fazendo distinções entre culturas, experiências e práticas sociais.

Foi, dessa forma que, os caminhos percorridos possibilitaram diálogos que permitiram a polifonia de ideias e o diálogo entre os saberes literários e os conhecimentos das Ciências Sociais, para, assim, se constituírem como conhecimentos que se deslindam de tudo que desumaniza; que aparta os saberes, nos assegurando de que a aventura da ciência e do conhecimento humano pode ser conduzida pela prudência e pela pertinência, como nos ensinam Santos (2004) e Morin (2002) respectivamente.

Pontuamos tais reflexões pela observação de que, nas últimas décadas do Século XX e no início do Século XXI, a ciência vem sendo discutida, em especial, no mundo acadêmico, em busca de um novo paradigma que contribua para a compreensão

da complexidade do conhecimento social, tecnológico e humano pela revalorização de estudos humanísticos capazes de fazer dialogar arte e literatura em torno de múltiplos saberes.

Entre os pensadores que se preocupam com a questão, há os que, dentre outros, como Santos faz uma crítica à epistemologia positivista. Este propõe novos procedimentos para as pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas através da emergência de uma nova racionalidade científica, a cosmopolita, sendo esta capaz de “expandir o presente e contrair o futuro”, (SANTOS, 2004, p. 790), para evitar o desperdício das experiências. Nas análises já percorridas por este pensador está a proposição, já referida, de sociologia das ausências, cujo objetivo é “[...] transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças”, (SANTOS, 2004, p. 786), embora reconheça que, “a tragédia pessoal do conhecimento só é hoje detectável nas biografias dos grandes criadores da ciência moderna de finais do Século XIX e começo do Século XX. (SANTOS, 2001, p. 31).

Inferimos das proposições suscitadas por Santos, que acredita numa “ciência do sensível”, que é possível encontrar novos discursos em memórias e narrativas autobiográficas, observando-se que são inúmeros os autores literatos, cientistas, artistas, poetas e professores que, num certo momento da vida, se põem a re/ver o mundo, a re/imaginá-lo, re/construindo assim suas próprias vidas. Constroem documentos declarados de si e testemunhos de sua sociedade no movimento complexo da vida. Nessas re/invenções, re/encontram saberes, coisas, lugares, pessoas, acontecimentos, alegrias e tristezas, enfim, processos de sociabilidades que fazem denotar, na escrita de si, um mapa do eu interior, imaginário, memorialístico que não é a realidade, mas a configura em níveis que transitam entre o real e o irreal, segundo Calvino (2009), e que são simbolicamente representados através da escrita.

Para o leitor, pesquisador ou não, funciona como um despertador de sentimentos vivenciados através dela, como aquilo que foi vivido e que deixou marcas tatuadas na vida, na memória individual, re/afirmada na memória coletiva e, muitas vezes, confirmadas pelo próprio leitor através de outras leituras ou de suas próprias vivências sociais.

Por essas considerações, na tese, entendemos que se o espaço, o tempo e o contexto social, que são narrados, descritos e criticados em memórias e narrativas autobiográficas não são a realidade, trazem seus traços, seus fragmentos, são como

rastros que dela ficam e que podem ser representados como tradução – refletida e reinventada para o presente –, fazendo com que esta vá ao futuro. Nessa concepção, todo conhecimento é autoconhecimento, como sinaliza Santos (2003b). Este tipo de literatura talvez funcione para o leitor como testemunho de um sujeito sobre o seu mundo, tempo e espaço; mundo que não foi apenas dele e nem é apenas de seu leitor, como na perspectiva ensejada por Ginzburg (2007) e Benjamim (1994).

Interpretar este tipo de obra literária é, em certo sentido, viver o passado alheio, tornando-o nosso, especialmente quando essa leitura tem algo a ver conosco, com nossas convivências sociais e profissionais. Em muitas delas podemos, de certa maneira, partilhar da narrativa, ideando momentos, refletindo sobre o que nos está sendo dito e dado pela escritura, pelo discurso do outro que desejou se fazer audível, visível, traduzindo suas experiências, oferecendo lições de vida, seu modo de ser e viver, sentir, amar e desamar, de se interpretar, interpretando sua sociedade. É como se esse outro desejasse que escutássemos o que não foi conhecido pelos outros de seu tempo pretérito por meio de sua fala interior, que se faz presente, exteriorizada de forma memorial. Estas são propositivas, de certa forma, já defendidas por Bosi (2003) em seus estudos sobre memória e sociedade.

Nosso entendimento assume ainda, as teses desenvolvidas por Halbwachs (2004) para a memória, como narrativa social, ao assumir que lembrar não é viver o passado outra vez, mas refazê-lo, reconstruí-lo e re/pensá-lo com imagens, ideias e símbolos do presente, com intencionalidade re/construtiva, elaborando, assim, uma memória coletiva através da escrita de si.

Escrever memórias e autobiografias é prática corrente na vida de pensadores de grande porte, dos clássicos aos populares. Dessa forma, confessar que viveu, como fez Pablo Neruda (1974)¹⁴⁵, Ítalo Calvino e Jorge Semprun, é uma das maneiras encontradas por escritores, poetas e pensadores para deixar marcas de suas vidas incrustadas na história da humanidade, na sociedade na qual viveram e experienciaram inúmeros fenômenos, propondo ou apenas expondo visões de mundo para a posteridade, socializando aquilo que deveria ou poderia ser: o vir a ser ou não, quem sabe? Muitos são estudados exaustivamente como uma tentativa de recomposição daquilo que não ficou dito ou que não podia ser dito em determinados momentos, naquele tempo do seu presente, passando à compreensão e à interpretação daquilo que foi silenciado para o

¹⁴⁵ Pseudônimo de Nefatli Ricardo Reys Basoalto (1904 -1973), poeta e escritor chileno, Prêmio Nobel de Literatura de 1971, autor, dentre outras obras, de: *Confieso que he vivido. Memorias* (1974).

futuro. Aproveitam, assim, as experiências em uma re/elaboração vivencial (objetiva e subjetivamente), para que outras pessoas possam aprender ou sentir, perceber a condição humana refletida, com e de certo modo, como eles – os memorialistas. Esses são criticados e interpretados, muitas vezes, sem os cuidados necessários à lida com o pensamento, com a vida, com a história de outrem. No entanto, estes cuidados são relevantes para a construção do conhecimento a partir da literatura em bases éticas e com a consciência necessária para se evitar a tragédia do conhecimento, como abordam Santos (2004) e Morin (2002), dentre outros pensadores de nosso tempo.

Desta compreensão foi possível apreender no texto da tese, que as memórias e autobiografias originam expectativas para o futuro, à medida que podem ser pensadas como perspectivas e possibilidades que demandam atitudes humanas, reavaliadas no processo de escrita de memórias. Vale salientar que isso torna o passado um manancial de possibilidades inexploradas, *locus* capacitante, fonte inesgotável de experiências sociais, de novos discursos e de discursos alternativos que devem ser buscados em pesquisas sociológicas para que não percamos os fios significativos da história, como quer Ginzburg (2007).

Em certo sentido, as memórias escritas traduzem a vida, mas, não são vida, embora denotem vivências sociais e mostrem o itinerário social percorrido; elas apenas servem à vida. Corroborando esta assertiva em entrevista à TV Senado, no Programa Leituras, apresentado pelo jornalista Maurício Melo Júnior, no dia 27 de maio de 2007, o poeta brasileiro Thiago de Mello, mundialmente conhecido por sua luta em defesa dos direitos humanos, afirmou: “escrevo para servir à vida”. Assim, por que não pensarmos em retirar da escrita e da leitura (da literatura), como ensina o nosso grande poeta, lições para se estar no mundo, movendo processos de sociabilidade e amalgamando nestes o diálogo entre as diversas formas de saberes, como também pensava Nava?

Foi tecendo questões, como as já formuladas até aqui, que a problemática da pesquisa foi conduzida, tendo a leitura, a literatura, a escrita de memórias e de narrativas autobiográficas como um sentido, uma meta de desabrochamento de sentimentos e reflexões sobre a vida, com enfoque sociológico. Além disso, foi na leitura ativa de memórias, como um processo de compartilhamento de ideias capaz de possibilitar que diferentes pessoas sintam o mesmo prazer ou desprazer que sentimos; que façam diferentes interpretações e busquem num mesmo autor temas diversificados para seus estudos, como o que nesta tese foi efetivamente desenvolvido que a

conduzimos na perspectiva do ser no mundo e na dimensão de suas ações como sujeito social.

Desta maneira, delimitamos e construímos a temática que circula no entorno, penetrando nos itinerários sociais percorridos pelo autor em foco, como uma tentativa de compreender o que há de singular em suas Memórias que poderiam ser relidas, tendo como parâmetro a busca de uma nova racionalidade exposta de forma amplificada pelo Narrador. Dessa forma, vale ressaltar o entendimento de que na escrita memorial os processos subjetivos são ativados e burilados pela visão do presente, conforme salientam Bosi (2003), Chauí (2002), Vigotski (1989a; 1989b), Ricœur (2007); Cyrulnik (2005; 2009); e Sarlo (2007; 2006; 2005), entre outros autores.

Estes são componentes argumentativos que serviram para defendermos que tais narrativas, enquanto memórias pessoais em escritas de si, são modos particulares de compreensão da vida, da sociedade e do mundo, trazendo em seus desdobramentos os silêncios, os não ditos, o que foi calado em certo momento. Enfim, as experiências vividas transladadas para a arte literária, ora tornada temática de estudo e ao mesmo tempo base empírica, para construir o nosso próprio conhecimento que, neste momento de exposição, já tem muito de passado retido na memória, que só poderá ser conduzido por lembranças – trans/lidas como aprendizagens.

A questão central da tese gira em volta dos contornos possíveis, dentro do universo literário definido como universo das memórias e das narrativas autobiográficas, entendidas como produções literárias de um sujeito sobre si mesmo, uma escrita de si que se desdobra do passado e se faz presente; uma escritura construída, tendo, fundamentalmente a própria memória como recurso e fonte de pesquisa; uma construção textual cuja estruturação encontra-se no sujeito da memória que a ela recorre enquanto função mental, elemento da inteligibilidade e capacidade fundamental da intelectualidade; propulsora da cognição e da imaginação criadora, que a ela também recorre voluntariamente para percorrer de forma recursiva, reversível e recíproca sua história, a de seu grupo e a de sua sociedade, perfazendo e refazendo seu itinerário social, através da escrita.

Para a compreensão dessa tradução de níveis de realidades vividas e revividas, expostas e retratadas por Nava, nos valem, em alguns momentos, das teorias de Ricœur (2007) a respeito da narrativa enquanto forma de representação do mundo e do tempo materializado em bases experienciais, o que a torna construto humano.

Respaldamos-nos, ainda, em Halbwachs (2004) sobre a memória como capacidade humana de reconfiguração do passado, a partir do presente, em certo sentido, uma possibilidade de expansão do passado/presente pelo presente/passado, para o futuro. Sendo assim, o entendimento sobre memória pode ser interpretado como uma construção social e individual, portanto, coletiva, de acordo com estes autores e os demais já citados. Sem deixar de lembrar que também o esquecimento tem seu lugar na memória.

Ressaltamos que, na tese, foram incorporadas às discussões, como elementos articuladores, interpretações feitas por autores considerados intérpretes do Narrador, que legaram à literatura brasileira e mundial obras marcadamente críticas sobre as Memórias. Estes foram consultados no sentido de promover encontros de significações para consubstanciar, além do suporte empírico investigado, o aporte epistêmico que dá sustentação às argumentações empreendidas. Daí advém talvez o caráter de originalidade deste trabalho, qual seja a análise das Memórias navianas a partir de uma abordagem com enfoque nas Ciências Sociais, com o intuito de, diante dos conhecimentos encontrados, compreendermos as lógicas que sedimentam e sustentam seu discurso narrativo para assim traduzi-las e nomeá-las.

De igual modo, assentimos que a sociologia das ausências, neste domínio de pesquisa, exigiu o exercício da imaginação epistemológica e cartográfica para que pudéssemos encontrar nas simbolizações não só o que elas mostram, mas também o que elas ocultam para lidar com mapas cognitivos que operam simultaneamente com diferentes subjetividades, no sentido de detectar as articulações locais/globais nas Memórias.

Nesse sentido, a cartografia foi compreendida como uma estratégia que permitiu sistematizar os dados para interpretá-los tendo a visibilidade do conjunto. Isto possibilitou um diálogo entre os autores em foco, vinculando teoria e empiria, nos conduzindo a retomar Santos, para dizer que a “cartografia simbólica das representações pode ser entendida como mapas e [...] os mapas são um campo estruturado de intencionalidades, uma língua franca que permite a conversa sempre inacabada entre a representação do que somos e a orientação que buscamos.” (SANTOS, 2001, p. 224). Nessa linha interpretativa, Nobre (2003, p. 69) também considera que a cartografia simbólica é um procedimento de pesquisa capaz de “apresentar e organizar os resultados

obtidos em atividades de campo”, como mapas que facilitam a leitura do todo em investigação, no campo social das experiências de conhecimentos.

Dessas perspectivas, foi possível compreender a pertinência das lógicas da sociologia das ausências, como fundamento e procedimento analítico para discussão, reflexão e interpretação do conteúdo das narrativas autobiográficas de autores que conseguem teorizar, em suas memórias, suas próprias experiências e as do mundo vivido, como no caso de Pedro Nava.

Esclarecemos que a leitura ativa das Memórias ocorreu em quatro momentos concomitantes, mas distintos pelos procedimentos metodológicos adotados. E, embora na pesquisa teoria e metodologia caminhem juntas, seguindo mapas que foram elaborados para serem lidos como sinais cognitivos de pensamentos que se uniram através do tempo, é preciso mostrar cada percurso.

No primeiro e segundo momentos, algumas questões guiaram a leitura das Memórias em interpretação, dentre elas destacamos as seguintes: Quem é o sujeito Narrador das Memórias? Como a sua formação se apresenta na escrita de si entremeadada nos fatos e acontecimentos sociais de seu tempo e momento histórico? Há, neste Narrador, um sentido de teorização das experiências por ele vividas, no espaço brasileiro? Existem no itinerário social de Nava, recriado nas Memórias, modos da vida social brasileira tornados por ele visíveis? Será possível encontrar algum tipo de manifesto social nas Memórias? E, o que há de singular na formação médica do autor que merece ser destacado no trabalho de tradução ora empreendido?

Estes questionamentos nos conduziram ao terceiro momento e ao encontro de outros intérpretes da obra. Neste, nos baseamos na formulação de questões exteriores à obra, mas referentes a ela, quais sejam: Como a obra de Nava foi recebida no contexto literário brasileiro? Quais seus principais críticos? Como esta crítica vem se delineando? O que os críticos informam sobre as Memórias, como substancial para a compreensão da racionalidade empreendida pelo Narrador? Será que esta crítica a percebe como uma narrativa brasileira?

No quarto momento, a re/leitura seguiu uma estratégia, por nós formulada, visando à condução cartográfica pretendida, tendo como guias as questões que conduziram a primeira leitura. Assim, elaboramos uma ficha, composta, à esquerda, pelas categorias/temas de análise e interpretação, a saber, as ecologias que compõem os procedimentos necessários à condução da sociologia das ausências. Buscávamos, assim,

encontrar, para compor o trabalho de tradução das Memórias, as lógicas empreendidas pelo Narrador e que estas nos permitissem o diálogo com as propostas de Santos (2006). À direita, deixamos espaços para serem preenchidos no processo de releitura. Esta releitura das Memórias foi direcionada também pelos objetivos já expostos e propostos para a análise, que teve como vimos, critérios de sistematização que deram subsídios para encontrarmos substratos para dialogar sobre a formação, o espaço-tempo e a projeção das Memórias de Nava, interpretados em contraposição aos cinco modos de produção de não-existência, sugeridos por Santos (2006): a monocultura do saber e do rigor do saber; a monocultura do tempo linear; a lógica da classificação social; a lógica da produção da inexistência; e a lógica produtivista. Estes cinco modos são confrontados com cinco ecologias: a dos saberes; das temporalidades; dos reconhecimentos; das transescalas; e das produtividades.

As possibilidades de diálogos entre diferentes áreas do conhecimento, em especial nas Ciências Sociais e Humanas, foram visualizadas nas Memórias; com isso as consideramos como legítimas “[...] para participar de debates epistemológicos com outros saberes [...]”, Santos (2004, p. 790), incluindo-se os das Ciências da Saúde, o que nos levou a considerar o que propõe Gico, quando diz: “o estudo de autores é desafiador pelo fato de que tais estudos, longe da significação fechada da narrativa, representam a socialização de uma época e de uma cultura”. (GICO, 1998, p.11).

3 A ESTRUTURA DAS “NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA”

A tese, **Narrativas do Brasil nas Memórias de Pedro Nava**, está estruturada em quatro capítulos, uma **Introdução** e as **Considerações Finais** que a seguir apresentamos sucintamente. Ressaltamos que os dois primeiros capítulos procuram retratar **o sujeito das Memórias** e os dois últimos, **as Memórias do sujeito**.

No primeiro capítulo, **Reflexões acerca de Pedro Nava: um sujeito múltiplo**, reunimos informações e reflexões sobre o autor e sua obra, com o objetivo de apresentá-lo no seu itinerário social e em suas múltiplas atuações profissionais, artísticas, literárias e sociais, situando-o histórico e culturalmente.

No segundo capítulo, **Dos botões dourados à Linha de Tiro: a educação e a formação médica de Pedro Nava**, são apresentadas reflexões suscitadas sobre educação brasileira nas Memórias na confluência de aspectos que configuram a

construção do Narrador como sujeito social, a partir de suas lembranças da infância, inseridas na dinâmica das relações sociais que conformaram sua formação educativa e profissional. A dinâmica educativa a qual nos referimos ocorreu em espaços formais e informais no contexto da educação brasileira na chamada I República do Brasil nas três primeiras décadas do Século XX, que é discutida tendo como suporte teórico autores como: Germano (1995; 2008ab) e Saviani (2007).

No terceiro capítulo, **Saberes compartilhados: os intérpretes da obra naviana**, trazemos algumas interpretações feitas em estudos que tiveram como suporte empírico/interpretativo a obra e em particular as Memórias de Pedro Nava, delimitadas ao período de 1972 a 2010, no Brasil. Neste fazemos uma espécie de estado da arte dos estudos sobre a obra de Nava.

No quarto e último capítulo, **A sociologia das ausências nas narrativas do Brasil de Pedro Nava**, discutimos as perspectivas de uma sociologia das ausências simbolizada literariamente nas Memórias e nos demais escritos históricos e memoriais em suas interpretações sobre o Brasil, e em suas experiências sociais, profissionais e pessoais, anuindo que ele imprimiu em sua escrita uma nova racionalidade que se aproxima da cosmopolita, Santos (2006).

Nas **Considerações Finais**, retomamos algumas discussões contidas no corpo da tese e apontamos estudos que poderão ser desenvolvidos a partir da obra literária por nós utilizada como fonte de pesquisa.

Por fim, afirmamos que o direcionamento do pensamento do Narrador foi mapeado e suas singularidades foram expostas na análise de sua narrativa como de um ator social que se destacou, na cena médica e literária brasileira, por seus trabalhos no Século XX, traduzindo os saberes e as experiências em novos conhecimentos, dando base para que outros autores e atores sociais pudessem refletir sobre seu pensamento, tornando-se protagonistas de uma ciência mais sensível, mais humana e mais prudente.

Por esta ótica, pudemos inseri-lo entre aqueles sujeitos portadores de subjetividades desestabilizadoras,¹⁴⁶ por compreendemos seu pensamento inserido em seu contexto de vida e obra em suas narrativas do Brasil, como desviante daqueles pensamentos colonizados.

¹⁴⁶ Termo cunhado por Boaventura de Souza Santos para designar aquelas subjetividades que têm “especial capacidade de energia e vontade de agir com *clinamen*” (capacidade de desvio) em um campo aberto de “reinvenção e experimentação” do barroco. (SANTOS, 2006, p. 92).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Fapesp, 1998.

_____. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: FAPESP, 1996. Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo, USP, 1996.

ALBANO, Adriana Helena de Oliveira. **No rastro dos Boitempos**: considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois conterrâneos seus. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de São João Del-Rei: 130p. 2005.

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Houaiss Ilustrado**: Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.

ALLENDE, Isabel. **A soma dos dias**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

ALVES, Castro. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970. (Obras Completas de Jorge Amado).

AMARO, Austen. **Juiz de Fora: poema lírico**. Juiz de Fora (MG): FUNALFA, 2004.

ANDRADE, Mário de. **Correspondente contumaz**: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

_____. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez com Ilustrações de Pedro Nava. Edição crítica dedicada à memória de M. Cavalcanti Proença. Coleção Universitária de Literatura Brasileira, Série C - Ficção - romance e conto. v. 1. Livros Técnicos e Científicos Editora/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (SP) Rio de Janeiro - RJ/São Paulo – SP; 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond. Pedro Nava a partir do Nome. *In*: NAVA, Pedro. **Balão Cativo**: memórias 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: ZAHAR; 1978.

ARRIGUCCI JR. Davi. **Enigma e Comentário. Ensaios Sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. O Escorpião Encalacrado. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. Os Melhores Contos de Rubem Braga. São Paulo: Editora Global, 1999.

_____. Outros achados e perdidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BADINTER, Edith. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANDEIRA, Manuel. (Org.) **Antologia de poetas bissextos contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1965.

BASTOS, Dilza Ramos. **Pedro Nava no Acervo Bibliográfico da Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2003. Papéis avulsos 46.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOCH, E. **O princípio da Esperança**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v.1.

BOMFIM, Manuel. **A América Latina: males de origem. O parasitismo social e evolução**. Rio de Janeiro, Paris: Garnier, [s.d.], (1905).

_____. **Lições de Pedagogia: Teoria e Prática da Educação**. Rio de Janeiro: Livraria Escolar, 1915.

_____. **Noções de Psicologia: Teoria e Prática da Educação**. Rio de Janeiro: Livraria Escolar, 1916.

_____. **O Brasil na América: Caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

_____. **O Brasil na História**. Deturpações das tradições, degradação política. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.

_____. **O Brasil Nação**. Realidade e Soberania Brasileira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931, 2 vols.

_____. **Pensar e Dizer: Estudo do símbolo no pensamento e na linguagem**. Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923.

BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. Tradução Rolando Roque da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOTLER, Alice Happ. H. Educação, multiculturalismo e ética. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005, Recife: Anais eletrônicos, Recife: UFPe, 2005. Disponível em:<http://www.paulofreire.org.br/Textos/Alice_Happ_Botler.pdf>.

Acesso em: 10 nov. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Poder Simbólico.** 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BUENO, Antônio Sérgio. Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

_____. **Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava. 1994. 177f. Tese. (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1994.**

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. **Assunto encerrado – Discursos sobre literatura e sociedade. 1.ed. (Tradução Roberta Barni. [Uma pietra sopra. Discorso di literatura e società, 1980] São Paulo: Companhia das Letras, 2009 .**

_____. **O caminho de San Giovanni.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.**

CAMPOS, Marta. O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava. Fortaleza, edições da UFC, 1992.

CANÇADO, José Maria. Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava. 1994. 234f. Tese. (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1994.**

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. **A Revolução de 1930 e a cultura.** São Paulo: Cebrap, 1984.

_____. **Formação da literatura brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, v. 1.

_____. **Formação da literatura brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, vol. 2.

_____. **O Significado de “Raízes do Brasil”.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Duas Cidades, 34. ed., 2001.

CARDOSO, M. R; VASCONCELLOS, E. **Pedro Nava, o alquimista da memória.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003 (Catálogo de exposição).

_____. Carta de leitor; reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. *In:* Walnice Nogueira Galvão; Nádia Batella Gotlib. (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000, v , p. 333-339.

CARDOSO, M. R. **De Próprio Punho: manuscritos de Lúcio Cardoso e Pedro Nava.** Revista Palavra, Rio de Janeiro, Brasil, v. 4, p. 44-57, 1998.

_____. R. **As cidades da memória: uma leitura benjaminiana de Nava.** Semear (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 3, p. 161-171, 1999.

CARLOS, Hélio Lima. Os Fantasmas da Rua da Glória 190. *In:* NAVA, Pedro. **O Círio Perfeito: memórias 6. 5. ed.** São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Virado do avesso.** São Paulo: Seleta Editorial, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Na ronda do tempo: memórias.** Natal: EDUFRN, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável: as encruzilhadas do labirinto.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. VI.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASTRO, Nei Leandro. **A fortaleza dos vencidos.** São Paulo: Arx, 2009.

_____. **As Dunas Vermelhas.** São Paulo: A. S. Editora, 2004.

_____. **As pelejas de Ojuara: O homem que desafiou o diabo. 5 ed.** São Paulo: Arx, 2006.

- _____. **Era uma Vez Eros**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1993.
- _____. Lendo Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Beira-mar**: memórias 4. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a. p. XIII- XIV.
- _____. **O Dia das Moscas**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- _____. **Voz Geral**. Rio de Janeiro: Eros, 1963.
- _____. **Zona erógena**. Rio de Janeiro: Eros, 1981.
- CASTRO NETO, Gastão. Cruz Vermelha. *In*. NAVA, Pedro. **Galo-das-Trevas** as doza velas imperfeitas: memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XI-XII.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote De La Mancha*. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril, 1978
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- CHIARA, Ana Cristina de Resende. **Um homem no limiar**: sobre a morte na obra de Pedro Nava. 1989. 151f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **Pedro Nava, um homem no limiar**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- COMÊNIO, Jean Amós. **Didáctica magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s.d.].
- COSTA, José Carlos. **Literatura e Memória em Pedro Nava**: a ficionalização da experiência – por uma poética do passado. 2009. Dissertação (Mestrado) Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel. 2009.
- COSTA, Nazareh *et al.* **Cozinha do Arco-da-Velha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Cacém/Portugal: Editorial Caminho, 2002.
- COVIZZI, Lenira Marques. **Porto inseguro**: formas cativas de ossos, na linguagem das Memórias d’ O defunto. Pedro Nava. 1980. 266. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1980.
- COWAN, James. **O sonho do cartógrafo**: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do Século XVI. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Editora três, v. 1 e 2, 1973.
- CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantelho**: histórias de resiliência (o retorno à vida). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Os patinhos feios.** São Paulo: Martins Fontes: 2004.

_____. **O murmúrio dos fantasmas.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIMAS, Antonio. **Memória e pudor.** CONGRESSO ABRALIC. LITERATURA E MEMÓRIA CULTURAL, 2., 1991, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura comparada, 1991. v.1, p. 589-593.

_____. Um modelo para nossas Memórias. *In:* **Jornal da Tarde**, 18/9/1976.

DOYLE, Plínio. **Uma vida.** Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 1999.

DRUMMOND, Olavo. Canção a Pedro Nava. *In.* NAVA, Pedro. **Galo-das-Trevas** memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XIII-XV.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos:** seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930:** historiografia e história. São Paulo, Brasiliense: 1972.

_____. **História do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

EM TEMPO DE PEDRO NAVA. Produção e direção de Fernando Sabino e David Neves. Distribuidora: SARAPUI PROD. ARTISTICA (DVD) Diretor: David Neves Diretor: Fernando Sabino FICHA TÉCNICA Mídia: DVD Região: 4. Ano de produção: 2006. País de Produção: Brasil Gênero: DOCUMENTARIO, 1971.

FÁVERO, Afonso Henrique. Pedro Nava: Um memorialista e tanto. **CRONOS**, Natal-RN, v.1, n.2, p. 61-72, jul./dez. 2000.

_____. **Aspectos do memorialismo brasileiro.** Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira USP. 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em:

http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim_15mai1984.htm; acessado em 20 dez.2009.

FRAGA, Marlene de Paula. **Da urdidura e da Trama:** um estudo sobre a intertextualidade em Baú de Ossos, de Pedro Nava. 197f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação da PUC-Minas, Belo horizonte, 1995.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Roteiro lírico de Ouro Preto.** Editora da Universidade de Brasília. Brasília; 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização e outros trabalhos (1927-1931).** v. XXI. Ed. *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 12. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA:

Disponível em: <http://pedronava.clientes.tecnopop.com.br> Acessado em: 20 set. 2009.

GARCIA, Celina Fontenele. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. Fortaleza: EUFC, 1997.

_____. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. 1994, 260f Tese (Doutorado) – Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

_____. **A escola como personagem da Literatura Brasileira**. Universidade Federal do Ceará, 1988.131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará, 1988.

_____. **Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural**. Revista **GELNE**. v.3. n.1 2001.

GAMA, Geraldo Guimarães. Pedro Nava, o Médico. *In: Território de Epidauró*. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2003e. p.17-35.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O discurso político sobre educação no Brasil autoritário. *In: Os vinte e um anos de ditadura militar no Brasil e a educação: seu legado para o debate educacional atual*. Caderno Cedes, São Paulo, Campinas, 2008a, p.313-332. (CEDES, v.28, n.76, p. 283-284, set./dez. 2008a)

_____. Ordem e progresso: o discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. *In: Revista Educação em Questão*. Natal, RN: EDUFURN, 2008b, v.32, n.18, maio/ago.2008b, p.79-112.

_____. **I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (I SNECS-Natal/RN, 17 e 18/04/2008 RELATÓRIO PARA DIVULGAÇÃO)** http://www.sbsociologia.com.br/downloads/RELATÓRIO_DO_I_SNECS.doc. Acessado em: 12 de maio de 2009.

_____; SILVA, Lenina Lopes Soares. A formação médica na prática da escrita de si. **Anais... III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; SILVA, Lenina Lopes Soares. A formação médica na prática da escrita de si. *In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, Anais...* 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE.

(AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; LIMA, J. G. S. A.; SILVA, Lenina Lopes Soares. Educação e pensamento militar no Brasil República. *Anais... IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA*, 2009, RIO DE JANEIRO. EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO : QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

_____; LIMA, J. G. S. A.; SILVA, Lenina Lopes Soares. **Lições de literatura no ensino de História da Educação**. *Anais... IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA*, 2009, RIO DE JANEIRO. EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO: QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. 1998. 281f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, Higiene e educação escolar. *In*: LOPES e outros (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Breves notas sobre a política de Maquiavel**. *In*. Cadernos do Cárcere: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. v. 3 . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

_____. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. *In*. **Cadernos do Cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

GUIMARAENS FILHO. Alfonsus de. Um Poema para Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Chão de ferro**: memórias 3. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001. p.

_____. Canção da Manhã mais Matinal. *In*: NAVA, Pedro. **Beira-mar**: memórias 4. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a. p. XI-XII.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. **Pedro Nava: Leitor de Drummond. a memória, os retratos a leitura.** Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. **Pedro Nava: Leitor de Drummond: a memória, os retratos a leitura.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

_____. **Rastros da leitura, trilhas da escrita: um estudo sobre o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

GUIMARÃES, Luiz Carlos. Naveana do Galo-das-trevas. *In: NAVA, Pedro. O Círio Perfeito: memórias* 6. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HEISENBERG, Werner. A parte e o todo: **encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política** Rio de Janeiro: **Contraponto, 1996.**

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messder. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno.** Medicina, educação e engenharia anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Erik. **Era dos extremos: o breve século XX:1914 -1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX:1914 -1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, J. S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1935).** Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

IGLÉSIAS, Francisco, **História e literatura: ensaios para uma história das ideias no Brasil.** São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Cedeplar-FACE-UFMG, 2009.

INVENTÁRIO DO ARQUIVO 8 – Pedro Nava. Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora: Rio de Janeiro, 2001.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer.** 9. ed. Rio de Janeiro: GMT, 1998.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique.** Paris: Ed. du Seuil, 1975.

LE MOING, Monique. **A solidão povoada.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LE MOING, Monique. **Pedro Nava: La salitude habitué.** 1994. 362f 2.v. Tese (Doutorado) – *Université de La Sorbonne Nouvelle*, Paris, 1994.

- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LIMA, Valéria. **Uma Viagem com Debret**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção: Descobrindo o Brasil).
- MAMEDE, Zila. **Navegos: A Herança**. Natal, RN: Ed. UFRN, 2003.
- MANNONI, Maud. **La educación imposible**. México: Siglo XXI editores, 1983.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Memórias de minhas putas tristes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- MASETTO, Marcos T. Discutindo o processo ensino/aprendizagem no ensino superior. In: MARCONDES, E.; GONÇALVES, Ernesto Lima. (Coord.). **Educação médica**. São Paulo: Savier, 1998. Parte I, p. 11-19.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. (Org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação)
- MARTINS, Franklin. Disponível em: <http://www.franklinmartins.com.br/>, acessado em: 20 out. 2010.
- MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 13, p. 503-540.
- MEYER, Augusto. **Textos Críticos**. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. (Col. Textos).
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da Colônia: limites e espaços de cura**. Recife: Fundação de Cultura da cidade de Recife, 2004.
- MONTEIRO, Lobato. **Ideias de jeca tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- MONTEIRO, Adriana Siqueira. **Memórias da infância em cinco narrativas brasileiras (de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Pedro Nava, Fernando Sabino e Carlos Heitor Cony)**. 2004. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras. Universidade do Porto/Portugal.
- MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MORAES, Vinicius de. **Balada de Pedro Nava (o anjo e o túmulo)**. Minas Gerais, Belo horizonte, mar.1973. Suplemento Literário, v. 8, n. 343, p.5,24; e em: www.viniciusdemoraes.com.br/

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. A Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Balão Cativo: memórias 2**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

NAVA, Pedro. Se eu soubesse brincar. *In*: ANDRADE, Mario de. **Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

_____. O canto do vingador. *In*: LE MOING, Monique. **A solidão Povoada**. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1996. p 265-66.

_____. Ligas e Associações de Bairros. VIU, 28/9, 1982. *In*: LE MOING, Monique. **A solidão Povoada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Cadernos 1 e 2**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **Balão Cativo: memórias 2**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

_____. **Chão de ferro: memórias 3**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

_____. **Baú de Ossos: memórias 1**. 10. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Beira-mar: memórias 4**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a.

_____. **Galo-das-Trevas: as doze velas imperfeitas - memórias 5**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b.

_____. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia São Paulo: Ateliê Editorial: Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003c.

_____. **Território de Epidauro**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2003d.

_____. **O anfiteatro: Textos sobre medicina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003e.

_____. **Viagem ao Egito, Jordânia e Israel: anotações extraídas dos diários do autor**. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a.

_____. **A medicina de Os Lusíadas e outros textos**. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2004b.

_____. **O Círio Perfeito: memórias 6**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2004c.

_____. O defunto. SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava 1903-1984: Trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: 2005, p. 115-118.

_____. **Cera das almas: memórias** 7. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2006.

NERUDA, Pablo. *Confieso que he vivido. Memórias*. Barcelona: Seix Barral, 1974. (autobiografia).

NOBRE, Itamar de Moraes. **A fotografia como narrativa visual**. 2003. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2003.

NUNES, Marçal Juçara. **Rito, morte e memória: elementos para uma análise do ponto de vista em Pedro Nava**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, 2000.

NUNES, Raimundo. **Pedro Nava: memórias**. São Paulo: Ateniense, 1987.

OLIVEIRA, Adriana Alvim de. **Memorialismo e autobiografia: a reconstrução da infância na literatura brasileira**. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1991.

PANICHI, Edina e CONTANI, Miguel L. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina (PR): Eduel; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PANICCHI, Edina Regina Pugas. **Estilística léxica em Baú de Ossos**. 1983. 47f. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR; 1983.

_____. **O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beiramar/memórias** 4. 1987. 178f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, história e Psicologia da UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1987.

_____. **A luta pela Expressão em Pedro Nava**. São Paulo: UNESP/SP 1994.

PENIDO, Paulo. **Pedro Nava: O bicho Urucutum**. Seleção de textos e desenhos. São Paulo: Ateliê editorial/Giordano, 1998.

_____. **O bicho urucutum**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PEREIRA, Ana Lúcia Muglia. **Infância: espaço de refúgio do escritor de Memórias**. 1987. Dissertação (Mestrado). PUC/RJ. 1987.

PEREIRA, Maria Luiza Medeiros. **Das aparas do tempo às horas cheias: uma leitura das memórias de Pedro Nava**. Tese de Doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

_____. *As memórias indiciárias de Pedro Nava - entre a história, a autobiografia e a ficção*. (Dissertação de Mestrado) - Universidade de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, São Paulo, 1993.

PERES, Fernando da Rocha e MINDLIN, E. José (Orgs.) **Louvação Poética a Pedro Nava**. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda, 1983. Edição numerada de 001 a 300. Livro n.096.

PERES, Fernando da Rocha. Nava/ Naveta / Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Chão de ferro: memórias 3**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

PIOVESAN, Greyce Kely. **Prezado doutor, Querido amigo, Caro memorialista: a sociabilidade intelectual nas cartas de Pedro Nava**. Dissertação de Mestrado. p. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. Florianópolis, 2009.

POMPÉIA, Raul. **O Atheneu**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2005.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 6. ed. São Paulo: Cortez, Editora Associados, 1981.

PORTO, Regina Maria Laclette. **Índice onomástico para Beira-Mar de Pedro Nava**. 1989. 78f. Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, Escola de Biblioteconomia, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

PRIGOGINE, Ilya e STRANGERS, Isabelle. **Entre o tempo e a eternidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

REIS, Claudia Barbosa. **Cidade Personagem: O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2007.

_____. **Cidade Personagem: O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava**. (Dissertação de Mestrado PUC/RJ) Rio de Janeiro, 2005.

REVISTA DA UFG - Tema ENSINO SUPERIOR. Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás - Ano VII, n. 2, dezembro de 2005.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. **Campinas – SP: Editora UNICAMP, 2007**.

_____. O passado tinha um futuro. *In*: MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 6, p. 369-378.

RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. **4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976**.

ROSNAY, Joel de. Conceitos e operadores transversais. *In*: MORIN, E. (Coord.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 8, p. 493-499.

SAES, Décio A. M. **A formação do estado burguês no Brasil (1889-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SACKS, Oliver W. **Tio Tungstênio**: memórias de uma infância química. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Com uma perna só**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALGADO, Ilma de Castro Barros. **Pedro Nava**: Mulheres Reveladas e Veladas. Juiz de Fora (MG): I. de C. B. e Salgado, 1999.

_____. **Pedro Nava: Mulheres Reveladas e Veladas**. (Dissertação em Letras. 95 f. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/MG) - Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, 1999.

_____. **Juiz de Fora nas memórias de Pedro Nava: Uma meta-ficção histórica**. Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 2003.

_____. **Formas intercomunicacionais em Pedro Nava**: o signo verbal e o pictórico. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

SANDES, José Anderson Freire. **Diálogos com Pedro Nava: A sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo**. Fortaleza: Editora Omni, 2005.

_____. **Diálogos com Pedro Nava: A sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Ceará, UFC, 2005

SANTIAGO, Silviano. Prosa atual literária no Brasil. *In*: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção para um novo senso comum; v.4).

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática).

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Conhecimento Prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as Ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Renovar a Teoria Crítica: e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Pedro Nava: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios.** São Paulo: Abril Educação, 2003. 108p. (Literatura comentada).

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: autores associados, 2007. (Coleção memória da educação).

_____. Tendências e correntes da educação brasileira. *In:* BOSI, Alfredo *et. al.* **Filosofia da educação brasileira.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SAVIETTO, Maria do Carmo. **Baú de Madeleines: O intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava.** São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

_____. **Baú de Madeleines: O intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava.** São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade do Estado de São Paulo. 1998.

SCHWARTZMAN, S. *et al.* **Tempos de Capanema.** Rio de Janeiro: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

SEMPRUN, Jorge. **A escrita ou a vida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Ângela Maria Carvalho. **Um certo olhar sobre a velhice: a narrativa memorialística de Pedro Nava.** Dissertação de Mestrado, 2001: Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2001.

SILVA, Lenina Lopes Soares. **Lembranças de alunos, imagens de professores: narrativas e diálogos sobre formação médica.** 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/detalhes> acesso irrestrito.

_____. **Lembranças de alunos, imagens de professores.** Natal-RN: Observatório RH-NESC UFRN, Una, 2008.

_____. **Configurações da escravidão negra no Brasil na épica de Pedro Nava.** *In:* I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL, 2010, Natal/RN. Programa de Pós-graduação em História/UFRN, 2010. v. 1. p. 1-11.

_____. **Criança lembrada, infância revivida: notas breves de uma pesquisa.** *In:* II REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 2009, Natal/RN. Direitos, Justiça e Diferença na América Latina. NATAL : UFRN, 2009. v. 00. p. 01-12.

_____. **As "misturas do humano com o divino" na medicina popular do Brasil Colonial.** *In:* II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. II ENCONTRO INTERNACIONAL DE

HISTÓRIA COLONIAL: A EXPERIÊNCIA COLONIAL NO NOVO MUNDO (SÉCULOS XVI A XVIII). NATAL/RIO GRANDE DO NORTE: UFRN, 2008.

_____. **Lições do passado:** memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro. E-CADERNOS CES/Portugal, Universidade de Coimbra/PT, Coimbra: 2008, v. 02, p. 01-12.

_____. **A roda da vida.** São Paulo: Revista Kairós, v. 10, p. 259-264, 2007.

_____; GERMANO, José Willington. Mediação pedagógica em notações de memórias. **Anais... III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA,** 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; GERMANO, José Willington. Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira nas Memórias de Pedro Nava. **Anais... XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA,** 2009, BUENOS AIRES. MEMORIAS:XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA. Buenos Aires - Argentina : Universidade de Buenos Aires/Faculdade de Ciências Sociais, 2009. v. 1. p. 00-00.

SILVA, Tânia Elias Magno da Silva. **Imagens da Fome e o itinerário intelectual de Josué de Castro.** In: **CRONOS,** Natal-RN, v.1, n.2, p.73-92, jul./dez.2000.

SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo: ensaios e discursos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava, o risco da memória.** Juiz de Fora (MG): FUNALTA, Edições, 2004.

_____. **Pedro Nava 1903-1984:** Trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (Coleção Nossos Clássicos).

SPINELLI, José Antônio Lindoso. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930/35.** Natal: EDUFURN, 1996.

TOKIMATSU, Fumie Rosana. **Pedro Nava:** poeta bissexto e memorialista. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo. 2002.

VALE, Vanda Arantes do. Psicanálise – Memória nas Memórias de Pedro Nava – Uma introdução. **Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise.** v.5, n.1: 74-86. jun. 2007.

_____. **Pedro Nava: cronista de uma época (Medicina e sociedade brasileira - 1890-1940.** Tese de Doutorado, 2009: Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

VALLE NETO, Júlio de Souza. *Escolas Literárias: as "Crônicas de Saudades" de Pedro Nava e Raul Pompéia*. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. 147p; Universidade Estadual de Campinas/SP, 2005.

VILLAÇA, Cristina Ribeiro. **Pedro Nava: anatomista da memória**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2000.

_____. **Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Tese de doutorado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.

VIVACQUA, Eunice. **Salão Vivacqua; lembrar para lembrar**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro/BDMG Cultural, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: A retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WINNICOTT, David. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

YASH, Ghai. Globalização, multiculturalismo e Direito. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.